

## **O Comportamento e a Atitude Financeira em Famílias de Baixa Renda**

**Daniel Almeida Cardoso (FACES-UFU) – almeida.dac@gmail.com**

**Prof. orientador Dr. Dany Rogers Silva (FACES-UFU) - danyrogers@ufu.br**

**Prof. Co-Orientador Dr. Victor Vicente (FACES-UFU) - victorvicente.unb@gmail.com**

### **Resumo**

O presente estudo teve como objetivo avaliar o comportamento e a atitude financeira de indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG e a relação desses construtos com as variáveis sociodemográficas. Para avaliar o comportamento e atitude financeira foram feitas análises de frequência para categorizar a amostra, bem como a análise descritiva bivariada para verificar a influência de uma variável sobre a outra. Os entrevistados apresentaram melhores índices de comportamento financeiros nas questões relacionadas, gerenciar o dinheiro e pagar as contas nos prazos determinados. Já a atitude financeira, demonstrou-se que os indivíduos estão preocupados com o que pode ocorrer no futuro, o que os leva a traçar metas e tomar melhores decisões financeiras. Contudo demonstrou-se que os indivíduos de baixa de Ituiutaba-MG possuem comportamentos financeiros regulares e boas atitudes financeiras, e que as variáveis sociodemográficas também interfere nos níveis de comportamento e atitude financeira, necessitando a implantação de políticas pública e sociais para este público específico.

**Palavras-chaves:** Educação Financeira; Comportamento e Atitude Financeira; Indivíduos de Baixa Renda.

### **1. Introdução**

Segundo o Banco Central do Brasil (2013), a instabilidade econômica possibilitou uma crescente oferta por produtos e serviços financeiros, melhorando a capacidade de compra da população, inclusive, de pessoas que têm um poder aquisitivo mais baixo. Contudo, esse plano de desenvolvimento econômico fundamentado no consumo não obteve uma contrapartida por parte da população no que diz respeito ao consumo consciente dos bens, serviços e educação financeira.

Concomitantemente, o mercado financeiro, nos últimos anos, mudou sua forma de agir, tornando-se mais competitivo e impactando diretamente na vida das pessoas. Isso contribuiu para que as organizações utilizassem ainda mais publicidade para atrair as pessoas ao consumo, uma vez que elas sabem que existe um contingente de pessoas que querem consumir e que estão dispostas a se endividarem para adquirir o produto ou o serviço almejado.

O Serviço de Proteção ao Crédito – SPC Brasil (2013) realizou uma pesquisa em 27 capitais brasileiras, a qual demonstrou que 47% dos entrevistados admitiram que fazem compras por impulso e nem chegam a utilizar o produto. O estudo apontou ainda que existe uma tendência em consumir para apenas satisfazer os desejos pessoais. A pesquisa revelou também que 59% dos pesquisados já compraram algo, pensando “eu mereço”, mesmo não tendo condições financeiras para tal, e que 62% assumiram que, antes de receber o salário, já pensam nas compras de produtos supérfluos, sendo as classes C, D e E (69%) as mais atingidas. Isso permite constatar que as famílias de baixa renda têm problemas relacionadas à educação financeira. Para o Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA (2011), indivíduos de baixa renda são aqueles que percebem uma renda individual de até meio salário mínimo por mês.

Nesse ambiente de consumo, a educação financeira surge como uma resposta para auxiliar as pessoas em suas tomadas de decisões, informando a verdadeira necessidade e

desejos do consumo. Por isso, é necessário, cada vez mais, uma preocupação com a educação financeira, pois ela é importante na solução de problemas financeiros.

Diante disso, entende-se que a alfabetização financeira e a educação financeira são elementos fundamentais para tomada de decisões financeiras relacionadas ao controle de gastos pessoais. A educação financeira pode melhorar o entendimento sobre os principais produtos financeiros, investimentos, risco e retorno, melhorando e desenvolvendo as habilidades de tomadas de decisões que influenciam no bem-estar financeiro. E a alfabetização financeira pode gerar a capacidade e as habilidades para tomadas de decisões que levarão ao bem-estar financeiro pessoal (OCDE, 2013).

Assim, um dos grandes desafios da alfabetização financeira é convencer os indivíduos de baixa renda que eles não estão preparados para administrar suas finanças pessoais como eles pensam, uma vez que podem contrair dívidas junto a diferentes serviços financeiros sem terem pleno conhecimento de que estão realmente se endividando e comprometendo suas finanças que estão fazendo isso. Entre as modalidades desses serviços estão os cartões de crédito, o cheque especial, o crédito pessoal (CDC), o crediário, o consórcio, o crédito imobiliário, o financiamento de veículos e o crédito consignado, podendo esses serviços financeiros serem encontrados em vários lugares diferentes e de fácil acesso aos cidadãos, tais como, bancos, lojas de atacado e varejo e instituições financeiras.

Por sua vez, as empresas/instituições financeiras, com uma eficiente propaganda de marketing, levam as pessoas a adquirirem seus produtos e serviços nos próprios estabelecimentos, caracterizando, dessa forma, uma compra impulsiva para o indivíduo como outra qualquer. De acordo com um levantamento feito pela Serasa Experian (2017), 27% da população de baixa renda gastam mais da metade do que ganham com produtos financeiros, tais como os acima mencionados.

A consequência disso é que, segundo dados do SPC Brasil (2018), já existe, em 2018, mais de 63,29 milhões de inadimplentes (pessoas “negativadas”), o que representa um percentual de 48% da população adulta do país. Essa pesquisa revela ainda que essas pessoas deixaram de pagar alguma conta como água, energia, telefone, cartão de crédito, financiamentos e empréstimos. Ainda de acordo com esses dados, é na região Sudeste que se encontra o maior número de pessoas negativadas, com um total de 26,94 milhões de inadimplentes, seguida pelas regiões Nordeste, com 17,45 milhões, a Sul, com 8,15 milhões, a Norte, com 5,8 milhões e a Centro-oeste, com 4,94 milhões.

Os indivíduos, independentemente da renda, sabem que não podem gastar mais do que ganham, mas será que somente saber é suficiente para que elas mantenham o controle de seus gastos pessoais ou familiares? Os dados de inadimplência da pesquisa do SPC Brasil (2018) indicam que não, apontando até aqui que existe, de maneira geral, um baixo nível de alfabetização financeira da população.

Por outro lado, Atkinson e Messy (2012) afirmam que os resultados positivos de ser financeiramente alfabetizado são advindos de comportamentos, tais como aqueles relacionados a planejamento de despesas e construção da segurança financeira. Uma boa educação financeira pode transformar a vida de um indivíduo, proporcionando-lhe melhor qualidade de vida, realização do sonho de comprar a sua casa própria, pagamento em dia de suas dívidas, compra do carro dos sonhos e garantia de uma vida social e psicológica mais saudável.

A alfabetização financeira também pode ser vista como bem-estar pessoal, sendo um importante aliado do indivíduo no processo de organização de suas contas pessoais (LUCCI et al., 2006), mas também pode trazer consequências negativas para a saúde mental e física dos indivíduos. Sobre esse aspecto, Richardson, Elliott e Roberts (2013) demonstraram que o

endividamento das famílias está realmente relacionado com a saúde mental e física dos indivíduos. Para esses autores (ibid.), as pessoas que não souberem lidar com o dinheiro nesse ambiente capitalista em que vivem podem ter sérios problemas de saúde, como, por exemplo, aumento do estresse, dificuldade de concentração, perda da produtividade no trabalho, perda da autoestima, fadiga e excesso de peso devido à ansiedade.

Assim, a alfabetização financeira se torna peça-chave para as famílias de baixa renda, sendo reconhecida como uma competência para que os indivíduos possam enfrentar o ambiente capitalista cada vez mais obscuro (POTRICH et al., 2015). Diante da evolução dos mercados, nos últimos tempos, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) recomenda a implantação de programas e estratégias nacionais que proporcionem à população um maior nível de educação financeira. Desse modo, foi criada no Brasil, em 2010, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) cujo objetivo é promover o desenvolvimento social e o fortalecimento do sistema financeiro nacional. Dessa forma, com o mercado cada vez mais complexo, é indispensável a alfabetização financeira para que se tenham habilidades e compreensão eficazes para tomar decisões conscientes e que não prejudiquem o orçamento familiar.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é avaliar o comportamento e a atitude financeira de indivíduos de baixa renda e a relação desses construtos com variáveis sociodemográficas. Importante destacar que, no Brasil, ainda há uma carência de estudos relacionados à alfabetização financeira em indivíduos de baixa renda. Assim, o presente estudo é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas que busquem discutir e analisar o tema em questão com vistas a contribuir para uma melhor performance desse público no que tange ao seu comportamento financeiro.

A alfabetização financeira dos indivíduos de baixa renda tem se tornado cada vez mais importante para a melhoria de políticas públicas e sociais, uma vez que indivíduos mais conscientes possuem tomadas de decisões financeiras melhores, evitando o endividamento, controlando melhor os seus gastos e, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento da economia. Entende-se que indivíduos mais alfabetizados financeiramente podem gerir melhor os seus recursos, aplicando-os nas áreas fundamentais, tais como, alimentação, educação e saúde. Quanto mais iniciativas por parte do Governo para incentivar a educação financeira no país, melhor será o desempenho da população no controle de sua renda, o que pode contribuir para a redução do número de pessoas que necessitem de usufruir de políticas públicas sociais.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1 Alfabetização e educação financeira**

A palavra alfabetização financeira (em inglês Financial Literacy) vem sendo reconhecida mundialmente como um importante elemento para manter o desenvolvimento econômico e a estabilidade financeira de um país (OCDE, 2013). Todavia, educação financeira ou conhecimento financeiro são frequentemente confundidos com alfabetização financeira, sendo utilizadas como sinônimas. Huston (2010) realizou uma pesquisa e seus estudos revelaram que muitas pessoas confundem termos básicos como conhecimento financeiro e alfabetização financeira. Entretanto, a autora afirma que também não existe um modelo de mensuração correto da alfabetização financeira que tenha sido utilizado nos últimos anos, estendendo essas dúvidas a vários termos referentes ao tema.

A alfabetização financeira é definida por Hung, Paker e Yoong (2009) como a capacidade de usar conhecimentos e habilidades para gerir de forma eficiente os recursos

financeiros, adequando as necessidades e desejos dos indivíduos para que desenvolvam uma saúde financeira plena. A OCDE (2013) conceitua alfabetização financeira como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual.

De acordo Lusardi e Mitchell (2011) e Potrich (2015), é importante analisar se os indivíduos são alfabetizados financeiramente para o ato das tomadas de decisões e que é difícil identificar como as pessoas processam as informações financeiras. Potrich (2015) argumenta que essa dificuldade resulta do fato de que a área da alfabetização financeira é muito ampla e abrange muitas definições, contendo, entre elas, consciência financeira e conhecimento, habilidade financeira e capacidade financeira, por exemplo, o que demonstra o quão complicado é avaliar todas essas informações.

Huston (2010) afirma que a alfabetização financeira apresenta duas dimensões: o conhecimento financeiro e a educação financeira, representando o entendimento delas a aplicação dos conhecimentos na gestão das finanças pessoais. Por sua vez, os estudos da OCDE (2013) apontam que a alfabetização financeira pode ser dividida em três pilares importantes, que são: comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitude financeira.

O conhecimento financeiro é definido por Grable e Joo (2006) como o elemento de bem-estar financeiro pessoal e, em um quadro conceitual, inclui a satisfação financeira, o comportamento financeiro e as atitudes financeiras. Para Atkinson e Messy (2012), o conhecimento financeiro é essencial para definir se o indivíduo não é analfabeto financeiramente, incluindo questões como: taxa de juros, juros simples e compostos, inflação, risco e retorno sobre um investimento. O nível de conhecimento financeiro é adquirido ao longo da vida do indivíduo por meio da aprendizagem de assuntos que afetam a eficiência do controle de gastos familiar, como gerir receitas, despesas e poupança de forma mais eficiente (DELAVANDE, ROHWEDDER e WILLIS, 2008).

Já o comportamento financeiro está interligado aos comportamentos pessoais que os indivíduos adotam. De acordo com Mundy (2011), ele pode ser pontuado em cinco princípios: i. Honrar com as despesas; ii. Ter as finanças sob controle; iii. Planejar o futuro; iv. Fazer escolhas assertivas de produtos financeiros; v. Manter as questões financeiras atualizadas. Os indivíduos que têm comprometimento com o orçamento familiar e que têm resultados positivos financeiramente são constituídos pelo comportamento financeiro. O conhecimento financeiro é algo típico do capital humano, constitui-se ao longo da vida e se consolida com a aprendizagem adquirida acerca de questões que afetam a capacidade de gerir, de forma eficiente, receitas, despesas e poupança.

As atitudes financeiras são fundamentadas por meio de valores e princípios, podendo serem econômicos ou não econômicos, e são tomadas por um tomador de decisão sobre o resultado de um determinado comportamento. Como destaca Qfinance (2017), as atitudes financeiras representam um envolvimento com a emoção e a opinião, podendo ser esse envolvimento instantâneo ou crescer em uma posição que influenciará o comportamento de alguém no longo prazo.

Por sua vez, a educação financeira é o processo pelo qual os indivíduos melhoram a sua compreensão dos produtos e conceitos por meio de informações, instruções e/ou conselhos objetivos, desenvolvendo as habilidades com confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos financeiros e oportunidades com o fim de fazerem escolhas informadas para saberem onde ir para ajudar e tomarem outras ações eficazes que melhorem o seu bem-estar financeiro (ATKINSON e MESSY, 2012). Mette e Matos (2015) afirmam que a

educação financeira compreende, principalmente, a capacidade dos indivíduos de aplicarem ou colocarem em prática todos os conhecimentos obtidos para as decisões de cunho econômico e financeiro. Desse modo, a educação financeira pode ser vista como o processo de construção do conhecimento que irá permitir que as pessoas desenvolvam e aprimorem suas habilidades financeiras para tomadas de decisões mais eficazes.

De acordo com Huston (2010), para ser financeiramente alfabetizado, o indivíduo deve ter educação financeira para saber lidar com as tomadas de decisões financeiras. Entretanto, apenas a educação financeira não é capaz de promover mudanças comportamentais, sendo necessários o desenvolvimento de habilidades e a melhoria da compreensão financeira para as devidas tomadas de decisões.

Assim, a educação financeira pode auxiliar na construção do planejamento ou orçamento familiar para que as receitas e despesas dos indivíduos fiquem controladas. Ademais, ser educado financeiramente pode trazer mais disciplina para o controle dos recursos financeiros, dificultando, ou mesmo impedindo, a inserção do nome do indivíduo na lista dos inadimplentes.

Huston (2010) apresentou em sua pesquisa que 47% dos estudos analisados por ele apresentaram como sinônimos os termos educação financeira e alfabetização financeira. Entretanto, a educação financeira está relacionada com o conhecimento financeiro que os indivíduos detêm para tomar suas decisões. Já a alfabetização financeira vai além do conhecimento, englobando também o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos.

## **2.2 Estudos relacionado ao tema**

Alguns estudos realizados no Brasil e no mundo são importantes para esta pesquisa, como o de Shim *et al.* (2010), por exemplo, que buscou desenvolver e testar um modelo de socialização financeira em uma universidade nos Estados Unidos da América (EUA). Esse estudo pôde contribuir para explicar o processo de socialização pelo qual os jovens adultos passam à medida que adquirem conhecimento, atitude e comportamento financeiro. Os autores identificaram que a educação financeira dos pais, do trabalho e do ensino escolar durante a adolescência do indivíduo, previa o seu aprendizado, atitude financeira e comportamento financeiro. Para a presente pesquisa, esse cenário pode ser melhor entendido a partir das análises socioeconômicas e demográficas de cada aluno.

O estudo de Lusardi e Mitchell (2011), realizado também nos EUA, buscou diagnosticar a alfabetização financeira dos cidadãos americanos, utilizando como referência o Estudo Nacional de Capacidade Financeira realizado pela Financial Industry Regulatory Authority (FINRA). Com o objetivo de comparar os principais indicadores de capacidade financeira e relacionar esses indicadores, quais sejam, características demográficas, comportamento, atitude e alfabetização financeira, os autores utilizaram três questões para examinar a alfabetização financeira da população americana. Os resultados da pesquisa revelaram que idade, gênero e escolaridade têm uma relação com o nível de alfabetização financeira dos indivíduos. Ainda, pessoas na faixa etária entre 25 e 65 anos acertaram 5% a mais de questões do que os menores de 25 anos e os maiores de 65 anos. Esse resultado está em consonância com Finke *et al.* (2011), os quais defendem que os indivíduos mais velhos têm níveis de alfabetização financeira menores, podendo isso ocorrer devido aos processos de cognição associados à velhice.

Com relação ao gênero, Lusardi e Mitchell (2011) constaram que, nos EUA, as mulheres são menos propensas a responder as perguntas corretamente e que há uma tendência maior de elas afirmarem que não sabem a resposta. Os resultados também apontaram que as mulheres avaliam seu próprio nível de alfabetização financeira de forma mais conservadora e

que a escolaridade impacta diretamente no nível de alfabetização financeira de um indivíduo. Além disso, os menos alfabetizados financeiramente são aqueles indivíduos que não completaram o ensino médio e, desse total, apenas 50% dos entrevistados souberam responder as questões sobre taxa de juros e a outra parte não respondeu ou respondeu de forma errada. As autoras concluíram que as pessoas com menos nível de educação são menos propensas a responder as perguntas corretamente e que também há uma tendência em dizerem que desconhecem a resposta.

Por sua vez, Atkinson e Messy (2012) buscaram analisar um estudo piloto realizado pela Rede Internacional de Cooperação da OCDE em 14 países (Armênia, República Checa, Estônia, Alemanha, Hungria, Irlanda, Malásia, Noruega, Peru, Polônia, África do Sul, Reino Unido, Albânia e Ilhas Virgens). Cada país que participou do processo utilizou um questionário elaborado pela OCDE, o qual foi embasado em três proxies: conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro. Os resultados constataram que: as variáveis renda, gênero e educação estão relacionadas com o nível de educação financeira dos indivíduos; a renda está associada com a alfabetização financeira (quanto menor a renda das famílias, menores os níveis de alfabetização financeira); e o rendimento financeiro dos indivíduos pode variar de acordo com a idade e a educação.

Segundo Bottazzi, Jappelli e Padula (2011), a alfabetização financeira e a riqueza são determinadas e correlacionadas ao longo da vida das pessoas. E, de acordo com Calamato (2010), os indivíduos de baixos rendimentos abandonam as escolas mais cedo, principalmente, em virtude de questões pessoais, o que contribui, no longo prazo, para o aumento do analfabetismo financeiro.

Atkinson e Messy (2012) também demonstraram que as mulheres são menos propensas a adotar comportamento financeiro do que os homens, conforme estudo realizado em quatro países (Albânia, Armênia, África do Sul e Ilhas Virgens), sendo igual essa proporção nos outros países do estudo. Na maioria dos países pesquisados, a mulher tem uma atitude financeira mais elevada que os homens. Em relação à variável educação, os autores mostraram que ela está relacionada com o nível de alfabetização financeira. Assim, os indivíduos mais educados possuem maiores níveis de alfabetização financeira e são mais propensos a exibir conhecimento, atitude e comportamentos financeiros do que os indivíduos menos educados.

Os estudos de Research (2003) buscaram avaliar os níveis de alfabetização financeira dos indivíduos australianos adultos, sendo uma das principais descobertas a forte relação da alfabetização financeira com as variáveis escolaridade, renda, idade e estado civil. Os resultados mostraram que, quanto maior o grau de educação, maiores são os níveis de alfabetização financeira de um indivíduo, e vice-versa, e que aquelas pessoas desprovidas de recursos financeiros têm uma tendência de ter menor grau de alfabetização financeira. Já os detentores de maiores recursos financeiros têm níveis de alfabetização financeira melhores, mas não contrariando que as pessoas com pouco rendimento não alcancem níveis maiores de alfabetização financeira e que pessoas com menos de 24 anos e maiores de 70 anos são mais propensas a terem níveis de alfabetização financeira menores, ocorrendo o mesmo com o indivíduo solteiro.

Em relação aos estudos realizados no Brasil, Lucke et al. (2014), a busca foi por examinar o comportamento financeiro entre os jovens e os adultos de uma cidade no Rio Grande do Sul. O estudo avaliou 2.911 indivíduos entre homens e mulheres, os quais se encontravam entre as seguintes faixas etárias: jovens de 20 a 24 anos e adultos de 45 a 54 anos. Os resultados demonstraram que: a renda pessoal e a idade interferem no comportamento financeiro dos indivíduos; os adultos têm maior controle dos gastos que os

jovens, mas os adultos são mais endividados que os jovens, visto que eles têm compromissos maiores de despesas geradas pelos filhos.

Amadeu (2009) realizou uma pesquisa com alunos da Universidade Estadual do Norte do Paraná, da área de negócios, para analisar a educação financeira e suas influências nas decisões de consumo e investimento. A amostra da pesquisa foi composta por 587 alunos e os resultados, de modo geral, revelaram que os estudantes universitários que mantinham contato, no período de graduação, com disciplinas referentes ao conhecimento financeiro tiveram influências positivas desses estudos no seu dia a dia. Já os autores Jobim e Losekann (2015) analisaram o nível de alfabetização financeira de alunos de graduação no Rio Grande do Sul em uma amostra composta por 126 estudantes. Para tanto, foram utilizadas ferramentas para mensurar o nível de alfabetização financeira dos universitários a partir de duas proxies: o comportamento financeiro e o conhecimento financeiro, como proposto por Matta (2007) e Rooij, Lusardi e Alessie (2011). O estudo demonstrou que os estudantes apresentaram um nível de alfabetização financeira mediano, indicando uma necessidade maior de desenvolvimento do conhecimento financeiro desde a base educacional.

Os estudos de Potrich *et al.* (2015) buscaram examinar a influência dos fatores comportamentais e as variáveis socioeconômicas e demográficas sobre a propensão ao endividamento. O estudo analisou 2.391 indivíduos e os resultados sugerem que, quanto pior for o comportamento materialista e de compra compulsiva, maior será o risco de endividamento. Da mesma forma, os indivíduos que possuem dependentes, bem como os mais jovens e os que têm menores escolaridade e renda também demonstraram maiores níveis de risco de endividamento.

Um estudo realizado pelo Banco Central do Brasil (2015) com 2.002 indivíduos, de forma presencial, em todas as regiões do país, teve como objetivo avaliar o nível de educação financeira e a inclusão da população brasileira nos serviços financeiros, buscando entender melhor essa realidade do país. A pesquisa revelou que os produtos e serviços financeiros mais utilizados é o cartão de crédito, com 45%, seguindo pelo carnê de lojas, com 23,4%, conta poupança, com 20,3%, cheque especial, com 6,7%, e empréstimo pessoal, com 6,2%.

Em relação à educação financeira, a referida pesquisa constatou que o maior percentual de erros está direcionado às questões de matemática financeira, principalmente, por parte das mulheres. Outra relação feita pelo estudo foi com a taxa de inflação brasileira, em que houve uma diferença significativa de resposta, obtendo os homens 31,3% dos acertos e as mulheres, 23,5%.

Quanto à atitude financeira, o estudo demonstrou que os entrevistados têm uma atitude financeira positiva, com 70% deles concordando com a afirmação de que, antes de comprar algo, pensam com cuidado se serão capazes de pagar, e que mais de 50% dos indivíduos afirmaram que pagam suas contas em dia. Os resultados acerca do comportamento financeiro indicaram que 56% dos entrevistados não fazem orçamento familiar e que 69% dos indivíduos não têm o hábito de poupar, inclusive, em se tratando de famílias de baixa renda.

Outro estudo importante para a presente pesquisa foi realizado por Zerrenner (2007), o qual buscou compreender o que leva as pessoas de baixa renda a se endividarem. O estudo foi feito na cidade de Santo André, em São Paulo, entre 2006 e 2007. A autora elaborou um questionário com 13 questões para identificar os motivos e pensamentos que levam os indivíduos de baixa renda a se endividarem com tanta facilidade. A amostra da pesquisa corresponde a 204 entrevistados, sendo 101 mulheres e 103 homens. Os resultados demonstraram que: 21,6% contraíram dívidas em virtude da morte de algum familiar, perda do emprego e divórcio. Além disso, o consumismo é responsável por 35,1% do endividamento dos indivíduos da amostra, sendo a falta de planejamento responsável por

43,1% das dívidas dos entrevistados. O estudo também constatou que as pessoas de rendas mais baixas são mais propensas ao endividamento, o que justificado pelo fato de, facilmente, poderem contar com crédito no mercado financeiro, o que os leva, fatalmente, a fazer parte das estatísticas dos inadimplentes. Para amenizar o endividamento dessas pessoas, a autora propõe uma alternativa, que seria a educação financeira para pessoas de baixa renda, visto que elas aprenderiam técnicas e ferramentas para lidar melhor com suas finanças pessoais. O Quadro 1 apresenta um breve resumo dos estudos apresentados, envolvendo as variáveis demográficas que se relacionam com a educação ou alfabetização financeira.

**Quadro 1:** Estudos que relacionam as variáveis sociodemográficas com a alfabetização/educação financeira.

(Continua)

<b>Variável</b>	<b>Referência Bibliográfica</b>	<b>País</b>	<b>Principais conclusões</b>
<b>Gênero</b>	Lusardi e Mitchell (2011)	Estados Unidos	- As mulheres são menos propensas a responder as perguntas corretamente e que há uma tendência maior de elas dizerem que não sabem a resposta.
	Atkinson e Messy (2012)	Foram 9 países da Europa, 2 da Ásia, 1 da América do Sul, 1 da América do Norte e África do sul.	- As mulheres são menos propensas a adotar comportamento financeiro do que os homens.
<b>Estado civil</b>	Research (2003)	Austrália	- Os solteiros possuem menores nível de alfabetização financeira que os casados.
<b>Escolaridade</b>	Lusardi e Mitchell (2011)	Estados Unidos	- Quanto maior a escolaridade maior os níveis de alfabetização financeira.
	Amadeu (2009)	Brasil	- Estudantes universitários que obteve contato, no período de graduação, com disciplinas referentes ao conhecimento financeiro, tiveram influências positivas em seu dia a dia.
	Jobim e Losekann (2015)	Brasil	- Os estudantes apresentaram um nível de alfabetização financeira mediano.
	Atkinson e Messy (2012)	Foram 9 países da Europa, 2 da Ásia, 1 da América do Sul, 1 da América do Norte e África do sul.	- Os indivíduos mais educados financeiramente possuem maiores níveis de alfabetização financeira, e são mais propensos em exibir conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros do que os indivíduos menos educados.
	Potrich (2015) Potrich (2014)	Brasil	- Quanto menor os níveis de escolaridade dos indivíduos, mas estão sujeitos a possuir maiores endividamento. - O nível de comportamento financeiro aumenta conforme vai subindo os níveis de escolaridade.
	Research (2003)	Austrália	- Quanto maior o grau de educação maiores serão os seus níveis de alfabetização financeira, e vice-versa.
<b>Idade</b>	Lusardi e Mitchell (2011)	Estados Unidos	- A alfabetização financeira é maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida, e menor entre os jovens e as pessoas mais velhas.

Variável	Referência Bibliográfica	País	Principais conclusões
Idade	Research (2003)	Austrália	- As pessoas com menos de 24 anos e maiores de 70 anos são mais propensas em possuir níveis de alfabetização financeira menores.
	Lucke et al. (2014)	Brasil	- Os adultos (45 a 54 anos) possuem maior controle nos gastos que os jovens (20 a 24 anos), mas os adultos são mais endividados que os jovens
Renda	Potrich (2015)	Brasil	- Os indivíduos com menores níveis de idade são mais propensos a possuir maiores níveis de endividamento.
	Atkinson e Messy (2012)	Foram 9 países da Europa, 2 da Ásia, 1 da América do Sul, 1 da América do Norte e África do sul.	- Quanto menor a renda das famílias, menores são os níveis de alfabetização financeira dos indivíduos.
	Research (2003)	Austrália	- Pessoas desprovidas de recursos financeiro têm uma tendência de possuir menor grau de alfabetização financeira, e vice-versa.
	Potrich (2015)	Brasil	- Os indivíduos que têm menores níveis de renda possuem baixos níveis de alfabetização financeira e, conseqüentemente, maiores níveis de endividamento.
	Zerrener (2007)	Brasil	- As pessoas de rendas mais baixas são mais propensas ao endividamento.
	Lucke et al. (2014)	Brasil	- Os níveis de renda pode influenciar no comportamento financeiro.

Fonte: Elaborado pelo autor

Apesar de inúmeros estudos sobre educação financeira no Brasil, são escassas na literatura brasileira as pesquisas com foco em famílias de baixa renda, uma vez que a maioria dessas pesquisas avaliam a educação financeira de estudantes universitários e jovens e adultos, de maneira geral. É possível verificar que os estudos identificaram que existe uma relação entre a educação e alfabetização financeira e a idade, renda, gênero, estado civil e escolaridade. Assim sendo, é de suma importância a implementação de uma cultura financeira forte no país que busque a eficiência em seus processos para que mais pessoas tenham acesso a uma melhor educação financeira, principalmente, em se tratando de famílias de baixa renda.

### 3. Metodologia

Para Potrich (2014), não há na literatura um modelo padrão para mensurar a alfabetização financeira dos indivíduos. A autora afirma que podem ser encontrados na literatura dois modelos principais para a realização dessa mensuração. O primeiro, retratado em Atkinson e Messy (2012) e OCDE (2013), aponta que, para mensurar a alfabetização financeira das pessoas, é necessária a soma de três *proxies*, a saber: comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitude financeira. E o segundo modelo, que é exposto

com base nos estudos de Shockey (2002), presume a existência de apenas um construto na alfabetização financeira, o qual é formado pelas *proxies* comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitude financeira.

Para analisar o comportamento financeiro das famílias de baixa renda de Ituiutaba-MG, foi utilizado um modelo padrão proposto por Matta (2007), que validou uma escala tipo *likert* de Shockey (2002) no Brasil. Esse modelo foi desenvolvido por meio de pesquisas internacionais e apresenta 20 questões, as quais são organizadas por uma escala do tipo *likert* de 4 pontos. As questões propostas por Matta (2007) referem-se à pergunta 11 do questionário e buscou examinar o comportamento financeiro das pessoas. Esses comportamentos podem ser negativos, tais como, não planejar o futuro ou comprar um carro financiado, ou podem ser positivos, como planejar o futuro, saber quanto vale o dinheiro ou comprar, preferencialmente, à vista. Para classificar os indivíduos como detentores de comportamento financeiro, foi utilizado o trabalho de Jobim e Losekann (2015). Em um primeiro momento, foi calculada uma média ponderada a partir da construção dos fatores e, em um segundo momento, calculou-se uma média simples com o propósito de classificá-los da seguinte maneira: média dos fatores inferior a dois comportamentos financeiros foi considerada ruim; média dos fatores entre dois e três comportamentos financeiros foi classificada como regular; e média acima de três comportamentos financeiros foi caracterizada como boa.

Para avaliar a atitude financeira, foi utilizado um modelo desenvolvido por Potrich (2014). Esse modelo é composto por dez questões do tipo *likert* de 5 pontos, com as seguintes alternativas: discordo totalmente, discordo, indiferente, concordo e concordo totalmente. A adoção desse modelo teve como objetivo primordial identificar como as pessoas lidam com suas finanças pessoais. As perguntas para mensuração dessa *proxy* estão na questão 12 do questionário, buscando avaliar o desempenho dos indivíduos em relação às atitudes financeiras no dia a dia, as quais podem ser diagnosticadas como atitudes negativas ou positivas nas tomadas de decisões. Esse modelo foi baseado nas escalas de Shockey (2002) e OCDE (2013) e, para a classificação dos indivíduos, realizou-se uma média ponderada e simples com o objetivo de classificá-los da seguinte maneira: média dos fatores inferior a duas atitudes financeiras foi considerada ruim; média dos fatores entre duas e três atitudes financeiras é regular; e média acima de três atitudes financeiras classifica-se como boa.

Este estudo tem característica descritiva com abordagem qualitativa, pois foram utilizadas técnicas padronizadas, como questionário e observação sistemática dos resultados, de modo que essas técnicas possibilitaram verificar as características da população amostral de acordo com idade, sexo, renda, nível de escolaridade, conhecimento financeiro e estado de saúde financeira.

O estudo também se utilizou de uma pesquisa de campo como técnica, a qual, segundo Gil (2006, p. 53), “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana”, assumindo o pesquisador um “papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados no local em que se deram ou surgiram os fenômenos de estudo, a partir do uso de técnicas como observação, questionários, coleta de depoimentos, estudos de caso” (BARROS e LEHFEL, 2000, p. 45).

O universo da pesquisa se constituiu de pessoas que residem em cinco bairros que são considerados de poder aquisitivo baixo em Ituiutaba-MG, sendo eles: Residencial Nadime Derze Jorge I e II, Residencial Canaã I e II, Residencial Buriti. Esses bairros foram escolhidos pois fazem parte do programa “Minha Casa Minha Vida” que é gerido pela Caixa Econômica Federal. Para terem acesso a esse programa, as pessoas precisam se inscrever no Cadastro Único, que é uma iniciativa do Governo Federal para identificar com clareza as principais

famílias brasileiras que se enquadram nos programas sociais de baixa renda oferecidos pelo governo (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2017).

Para saber quantas famílias residem nesses cinco bairros (Residencial Nadime Derze Jorge I e II, Residencial Canaã I e II, Residencial Buriti), foi realizada uma visita à Superintendência de Água e Esgoto (SAE) da cidade com o intuito de fazer o levantamento da quantidade de famílias residentes nas diversas casas. A SAE revelou que existe um total de 2.478 ligações (ativas) de água nas residências dos cinco bairros mencionados, sendo 339 ligações no Residencial Nadime Derze Jorge I, 557 no Residencial Nadime Derze Jorge II, 640 no Residencial Canaã I, 595 no Residencial Canaã II e 347 no Residencial Buriti, o que foi considerado até dia 05 de novembro de 2017.

Considerando esse conjunto de 2.478 famílias, foram adotados os procedimentos de amostragem de acordo com os métodos de identificação de amostra por Barbetta (2004). A equação 1 resultante determina o cálculo amostral.

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} \quad n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0} \quad (1)$$

Onde:

n = Tamanho da amostra

$E_0^2$  = Erro amostral tolerável

$n_0$  = Primeira aproximação da amostra

N = Tamanho da população

Considerando um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%, chegou-se a uma amostra final de 333 indivíduos. Em seguida, foi realizado um pré-teste com dez indivíduos para avaliar as questões do questionário e examinar alguma dificuldade de interpretação por parte dos entrevistados com vistas a uma melhor análise do desempenho dos participantes. Após a realização do pré-teste, foram feitas algumas adequações, bem como foram excluídas algumas perguntas para um melhor entendimento do questionário. No final, foi aplicado um total de 360 questionários, tendo sido aproveitados 353 e excluídos 7 pelo fato de não estarem totalmente preenchidos.

A coleta de dados foi realizada *in loco*, entre os dias 28 de maio e 21 de junho de 2018. Após a realização da pesquisa de campo, os dados foram estruturados e analisados quantitativamente com a utilização do *Statistical Package Social Science 25.0 (SPSS)* e do Microsoft Excel. Além disso, com a finalidade de identificar as diferenças entre as variáveis, foram feitas análises de frequência para categorizar a amostra, bem como a análise descritiva bivariada para verificar a influência de uma variável sobre a outra.

## 4. Apresentação e discussão dos resultados

### 4.1 Perfil dos entrevistados

Com base na Tabela 1, verificou-se, quanto ao perfil dos entrevistados, que a variável gênero feminino obteve o maior número de respondentes, com 57,8% (contra 42,20% de homens). Essa maioria de mulheres pode estar relacionado com as regras do programa Minha Casa e Minha Vida do Governo Federal, pois apenas as mulheres podem dar início ao processo de cadastramento. Além disso, mais de 51,2% dos respondentes se autodeclararam casados (as)/união estável, 36,3% são solteiros e 12,5% são separados/divorciado(a)/viúvo(a). A maioria dos entrevistados, 45,9%, têm entre 18 e 30 anos de idade, 32% estão entre 31 e 43

anos, 16,7% têm entre 44 e 56 anos e 5,4% estão acima de 57 anos. Quanto à ocupação, a maior parte da amostra trabalha (74,5%), tendo como ocupação principal empregado(a)/assalariado(a), com (42,5%), sendo 20% as pessoas autônomas que buscam outras formas de obter renda para sobreviver e 21% não trabalham devido à falta de emprego. Segundo o IBGE (2017), o número de pessoas desempregadas no Brasil, pela primeira vez, ultrapassou os 13 milhões de pessoas. Já a variável escolaridade apontou que 55,5% dos respondentes têm apenas o nível médio e 31,4% têm o ensino fundamental, sendo apenas 8,6% com nível superior. A variável renda apontou que 59,8% dos indivíduos percebem renda média de até 2 salários mínimos, 34% têm uma renda média de 2 a 4 salários mínimos, 5,9% obtêm uma renda de 4 a 10 salários mínimos, 0,3% ganham entre 10 e 20 salários mínimos e 81,5% não dependem de outras fontes de renda para sobreviver. Por outro lado, 9,1% dos entrevistados dependem do bolsa família, 4% recebem ajuda financeira de familiares e 4% recebem pensão alimentícia. Já a maioria da população entrevistada, com um total de 92,4%, tem até 2 dependentes e 58,9% se inserem em um grupo familiar formado por até 4 pessoas.

**Tabela 1: Perfil dos entrevistados.**

(Continua)

Variável	Alternativas	Percentual (%)
<b>Gênero:</b>	Masculino	42,20
	Feminino	57,80
<b>Estado Civil:</b>	Solteiro (a)	36,30
<b>Estado Civil</b>	Casado (a) / União Estável	51,20
	Separado (a) / Divorciado(a) / Viúvo(a)	12,50
<b>Idade:</b>	De 18 a 30 anos	45,90
	De 31 a 43 anos	32
	De 44 a 56 anos	16,70
	Acima de 57 anos	5,40
<b>Você trabalha?</b>	Sim	74,50
	Não	25,50
<b>Qual é a sua ocupação principal?</b>	Funcionário (a) Público (a)	8,20
	Aposentado (a)	2,80
	Empregado(a) / assalariado (a)	42,50
	Empresário	4,20
	Profissional Liberal	1,30
	Não trabalha	21
	Autônomo (a)	20
<b>Qual é seu nível de escolaridade?</b>	Ensino fundamental	31,40
	Curso técnico	4,50
	Ensino médio	55,50
	Ensino superior	8,60

(Conclusão)

Variável	Alternativas	Percentual (%)
Qual é seu nível de escolaridade?	Ensino médio	55,50
	Ensino superior	8,60
Qual a faixa de renda média mensal de sua família?	Até 2 salários mínimos	59,80
	De 2 a 4 salários mínimos	34
	De 4 a 10 salários mínimos	5,90
	De 10 a 20 salários mínimos	0,30
Você possui algumas dessas outras fontes de renda?	Bolsa família	9,10
	Pensão alimentícia	4
	Pensionista causa morte	0,80
	Recebe ajuda financeira de familiar ou amigos	4
	Outra, Qual?	0,60
	Não	81,50
Quantos dependentes?	De 0 a 2 dependente	92,40
	De 3 a 5 dependente	7,60
Quantas pessoas residem nesta casa?	De 0 a 2 pessoas	21,30
	De 3 a 4 pessoas	58,90
	Acima de 5 pessoas	19,80

Fonte: Elaborado pelo autor

#### 4.2 Análises descritivas do comportamento financeiro dos indivíduos

Ao examinar o comportamento financeiro das famílias de baixa renda de Ituiutaba – MG, constatou-se que, em média, os entrevistados apresentaram um nível de comportamento financeiro regular, considerando que a escala do comportamento financeiro varia de um a quatro pontos, significando uma média inferior a dois que a amostra apresenta comportamento financeiro ruim. Já entre 2 e 3, um comportamento financeiro é considerado regular e acima de 3 indica que é um bom comportamento financeiro. Conforme se verifica na Tabela 1, os resultados demonstraram que os fatores do comportamento financeiro foram todos regulares, sendo eles: gestão financeira, com média de 2,43; consumo de crédito, com uma média de 2,41; o fator poupança atingiu uma média de 2,06; e o fator consumo planejado, com média de 2,27.

**Tabela 2: Estatísticas descritivas do comportamento financeiro**

(Continua)

Fatores	Variável	Média	Mediana	Desvio padrão
Gestão financeira	11. a) Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro	3,22	4	0,966
	11. b) Anota e controla os seus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais, caderno de anotações financeiras etc.)	2,31	2	1,071

(Conclusão)

Fatores	Variável	Média	Mediana	Desvio padrão
Gestão financeira	11. c) Estabelece metas financeiras que influenciam na administração de suas finanças? (Ex.: Poupar uma quantia em 1 ano; sair do cheque especial em 3 meses)	2,13	2	1,007
	11. d) Segue um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal	2,29	2	1,056
	11. e) Fica mais de um mês sem fazer o balanço dos seus gastos	2,16	2	0,985
	11. f) Está satisfeito com o sistema de controle de suas finanças	2,25	2	1,025
	11. g) Paga suas contas sem atraso	2,71	3	1,070
	<b>Fator Gestão Financeira</b>	<b>2,43</b>	<b>2,42</b>	<b>1,025</b>
Consumo de crédito	11. h) Consegue identificar os custos que paga ao comprar um produto a crédito (ex. juros embutidos)	2,37	2	1,114
	11. i) Tem utilizado cartões de crédito ou crédito bancário automático (ex. cheque especial) por não dispor de dinheiro disponível para as despesas	2,23	2	1,113
	11. j) Ao comprar a prazo, você faz comparação entre as opções de créditos disponíveis (ex. financiamento da loja x financiamento do cartão de crédito)	2,46	2	1,087
	11. k) Mais de 10% da renda que você recebe no mês seguinte está comprometida com compras a crédito (exceto, financiamento de imóvel e carro)	2,28	2	1,089
	11. l) Paga integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas)	2,69	3	1,217
	11. m) Confere a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas	2,44	2	1,235
<b>Fator Consumo de Crédito</b>	<b>2,41</b>	<b>2,16</b>	<b>1,14</b>	
Poupança	11. n) Poupa mensalmente	2,18	2	1,096
	11. o) Poupa, visando à compra de um produto mais caro (ex. carro, apartamento)	2,10	2	1,112
	11. p) Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal que possa ser usada em casos inesperados (ex. desemprego, doença)	1,91	2	1,041
	<b>Fator Poupança</b>	<b>2,06</b>	<b>2</b>	<b>1,083</b>
Consumo Planejado	11. q) Compara preços ao fazer uma compra	2,38	2	1,179
	11. r) Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra	2,33	2	1,198
	11. s) Compra por impulso	2,17	2	1,021
	11. t) Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo a vista	2,20	2	1,048
	<b>Fator Consumo Planejado</b>	<b>2,27</b>	<b>2</b>	<b>1,110</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a Tabela 2, no que se refere ao fator gestão financeira, destaca-se como favorável a questão “11. a) Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro”, visto que 75% dos entrevistados afirmaram que quase sempre ou sempre se preocupam em gerenciar melhor seus recursos financeiros, e a questão “11. g) Paga suas contas sem atraso”, tendo em vista que 59,20% dos respondentes assinalaram que quase sempre ou

sempre pagam suas contas sem atrasos. Já quanto ao grupo de questões do fator consumo de crédito, destaca-se com melhor índice a questão “11. l) Paga integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas)”, visto que 55,50% dos entrevistados apontaram que sempre ou quase sempre pagam suas faturas em dia a fim de evitar o pagamento de juros e multas.

Ao analisar as questões referentes aos fatores poupança e consumo planejado, notam-se comportamentos financeiros desfavoráveis. No que se refere-se ao fator poupança, vale destacar a questão “11. p) Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal que possa ser usada em casos inesperados (ex. desemprego, doença)”, visto que 72,80% dos respondentes apontaram que nunca ou quase nunca estão dispostos a poupar recursos financeiro para caso aconteça algo inesperado. Já nas questões sobre consumo planejado, nota-se como desfavorável a questão “11. r) Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra”, haja vista que 58,30% dos entrevistados afirmaram que nunca ou quase nunca analisas suas finanças com profundidade antes de fazer outra grande compra.

Desse modo, ao analisar o desvio-padrão dos respondentes, é possível ressaltar que o desvio- padrão é a dispersão de uma distribuição de dados em torno da média, de modo que, quanto maior for o valor observado, maior será a distância da média geral dos entrevistados, o que quer dizer que os dados estão mais espalhados. Em contrapartida, quando for observado o menor valor, há uma tendência de que os dados estejam mais próximo da média geral dos respondentes.

Em relação às médias dos desvios-padrão dos fatores gestão financeira (1,025), consumo de crédito (1,14), poupança (1,083) e consumo planejado (1,11), notou-se que há uma dispersão entre os resultados, podendo eles variarem tanto para cima quanto para baixo em relação à média geral dos fatores. Observou-se também que os fatores poupança e gestão financeira estão mais próximos da média geral de seus fatores. Por sua vez, o consumo de crédito e o consumo planejado estão mais dispersos da média geral de seus fatores, o que significa que a média do desvio-padrão das respostas dos entrevistados podem variar tanto para cima quanto para baixo da média geral de resposta relacionadas a cada fator.

Sendo assim, é possível perceber que as famílias de baixa renda de Ituiutaba-MG apresentaram comportamentos financeiros regulares no que tange aos fatores gestão financeira, consumo de crédito, poupança e consumo planejado. Os entrevistados apresentaram melhores índices de comportamento financeiros nas questões relacionadas a obter melhores condições em gerenciar o dinheiro e buscar pagar as contas nos prazos determinados para que não ocorram encargos financeiros (juros e multas). Os respondentes também apresentaram os piores índices de comportamento financeiro como não estão preocupados em fazer reserva de emergência para casos inesperados e quase nunca se preocupam em diagnosticar as finanças com profundidades antes de realizar uma nova compra.

### 4.3 Análises descritivas da atitude financeira dos indivíduos

Ainda, ao analisar a atitude financeira das famílias de baixa renda de Ituiutaba-MG, conforme Tabela 3, notou-se que, em média, as famílias apresentaram atitude financeira boa (3,02), considerando a escala tipo *likert* de 1 a 5 pontos, em que a média inferior a 2 é ruim, entre 2 e 3 corresponde a uma média regular e média acima de 3 é considerada boa.

**Tabela 3: Estatísticas descritivas da atitude financeira**

Fator	Variável	Média	Mediana	Desvio Padrão
-------	----------	-------	---------	---------------

<b>Controle financeiro</b>	12. a) É importante definir meta para o futuro	4,37	5	0,995
	12. b) Não me preocupo com o futuro. Vivo apenas o presente	2,48	2	1,279
	12. c) Poupar é impossível para nossa família	2,90	3	1,215
	12. d) Depois de tomar uma decisão sobre dinheiro, tendo a me a preocupar muito com a minha decisão	3,18	3	1,291
	12. e) Eu gosto de comprar coisas porque isso me faz sentir bem	2,76	3	1,285
	12. f) É difícil construir um planejamento de gastos familiar	2,89	3	1,318
	12. g) Disponho-me a gastar dinheiro em coisas que são importantes para mim	3,03	3	1,272
	12. h) Eu acredito que a maneira como eu administro meu dinheiro vai afetar meu futuro	2,95	3	1,365
	12. i) Considero mais satisfatório gastar dinheiro do que poupar para o futuro	2,62	2	1,300
	12. j) O dinheiro é feito para gastar	3,11	4	1,373
	<b>Fator Controle Financeiro</b>	<b>3,02</b>	<b>3,1</b>	<b>1,260</b>

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a Tabela 3, os melhores resultados referentes à atitude financeira estão ligados à questão “12. a) É importante definir meta para o futuro”, tendo em vista que, ao analisar essa questão, notou-se que os entrevistados têm maior preocupação em definir meta para o futuro, visto que 88,7% dos respondentes concordam ou concordam totalmente em definir metas para o futuro, bem como com a questão “12. d) Depois de tomar uma decisão sobre dinheiro, tendo-me a preocupar muito com a minha decisão.”, visto que 48,2% concordam ou concordam totalmente que, depois de tomar alguma decisão sobre o dinheiro, tendem a ficar preocupados.

Os resultados referentes à atitude financeira insatisfatória estão relacionados com as questões “12. j) O dinheiro é feito para gastar” e “12. g) Disponho-me a gastar dinheiro em coisas que são importantes para mim.” Essas perguntas apresentaram atitudes financeiras negativas, visto que, ao avaliar os dados obtidos, verificou-se que a maioria dos consumidores pensam que o dinheiro foi feito para gastar, pois 50,1% deles concordam ou concordam totalmente que os recursos financeiros recebidos são realmente para consumo. Notou-se ainda que os indivíduos preferem utilizar recursos financeiros para comprar coisas que são de suma importância para eles, pois a maioria dos entrevistados, 43,10%, concorda ou concorda totalmente em gastar dinheiro com coisas importantes consigo mesmo.

Ao analisar o desvio padrão do fator controle financeiro (1,260), observou-se, em relação à média geral do controle financeiro, que há uma dispersão no resultado, podendo variar tanto para cima, quanto para baixo. Isso significa que a média do desvio-padrão das respostas dos entrevistados pode variar para cima ou para baixo em relação à média geral de resposta do controle financeiro.

De modo geral, os indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG apresentaram atitudes financeiras satisfatórias, visto que os mesmos estão preocupados com o que pode ocorrer no futuro, o que os leva a traçar metas e tomar melhores decisões financeiras. Em contrapartida, os respondentes também apresentaram atitudes financeiras insatisfatórias, tendo em vista que

os consumidores então preocupados em gastar dinheiro consigo mesmo e pensam que o dinheiro serve apenas para ser gasto.

#### 4.4 Análises bivariadas

A fim de entender a relação das variáveis sociodemográficas com a alfabetização financeira dos indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG foram realizadas análises bivariadas. Desse modo, buscou-se avaliar as variáveis que estão relacionadas estatisticamente com o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos da amostra. Para tanto, avaliaram-se as sete variáveis expostas pela literatura financeira e apresentadas no Quadro 1 (Gênero, Idade, Estado civil, Renda, Escolaridade, Dependentes e Ocupação) a fim de buscar diferenças significativas entre elas. Cada grupo que se apresentou com diferenças significativas foi comparado com a média de resposta de cada subgrupo. A Tabela 4, a seguir, demonstra os resultados das análises bivariadas.

**Tabela 4: Resultado das análises bivariadas**

Variáveis	Comportamento financeiro		Atitude financeira	
	Valor	Sig.	Valor	Sig.
Gênero	-0,0823	0,0184	0,0731	0,1704
Idade	-0,1124	0,0348	-0,0576	0,2802
Estado civil	-0,0792	0,1375	-0,0837	0,1167
Renda	-0,0048	0,9283	-0,0894	0,0934
Escolaridade	0,2014	0,0001	-0,1141	0,0321
Dependentes	-0,0302	0,5724	0,0495	0,3540
Ocupação	0,0331	0,5352	0,1100	0,0389

Fonte: Elaborado pelo autor

A primeira *proxy* a ser analisada é o comportamento financeiro, tendo sido notadas diferenças estatisticamente significativas, em nível de confiança de 10%, das variáveis Gênero, Idade e Escolaridade, conforme se verifica na Tabela 4.

No que tange à variável escolaridade, verificou-se que a maioria dos indivíduos que têm curso superior (média 2,54) demonstraram níveis de comportamento financeiro melhores do que os que têm ensino médio (média de 2,40) e dos que ainda estão no fundamental (média 2,20), apresentando essa variável uma tendência linear ( $F = 14,832$ ;  $Sig = 0,0001$ ). Assim, conforme a escolaridade vai aumentando, os indivíduos vão apresentando melhores comportamentos financeiros, o que é condizente com o estudo de Potrich (2014), o qual constatou que o nível de comportamento financeiro dos indivíduos vai melhorando com o aumento do grau de instrução. O resultado do estudo também corrobora a pesquisa de Atkinson e Messy (2012), os quais evidenciaram que, quanto mais os indivíduos forem educados financeiramente, mais propensos estarão a apresentar níveis de comportamento financeiro melhores do que os menos educados.

Em relação à variável idade, foi revelado que, em média, 2,40 dos entrevistados entre 18 e 30 anos têm melhores níveis de comportamento financeiro do que os indivíduos entre 31 e 47 anos (média 2,29), entre 44 e 56 anos (média 2,35) e acima de 57 anos (média 2,08), podendo-se inferir que, entre 44 e 56 anos, os níveis de comportamento financeiro dos indivíduos melhoram e, posteriormente, decaem novamente após os 56 anos. Este estudo corrobora, em parte, a pesquisa de Lucke et al. (2014), que apresentou a idade como

interferência nos níveis de comportamento financeiro. Entretanto, quando se compara a faixa etária na qual os adultos de 45 a 54 têm maior controle de gastos (comportamento financeiro) do que os jovens de 20 a 24 anos, o resultado não condiz com o presente estudo, visto que, neste estudo, constatou-se que os jovens de 18 a 30 anos são detentores dos melhores níveis de comportamento financeiro. Pode-se concluir, com a variância dos resultados, que a escala da idade utilizada, o público-alvo escolhido e a região da pesquisa pode ter interferido nos resultados encontrados. Lucke et al. (2014) avaliaram 2.911 indivíduos, entre homens e mulheres, inseridos nas seguintes faixas etárias: jovens de 20 a 24 anos e adultos de 45 a 54 anos, demonstrando os resultados que a renda pessoal e a idade interferem no comportamento financeiro dos indivíduos.

Já a variável gênero revelou que o gênero masculino apresenta melhores comportamentos financeiros (média 2,39) do que o gênero feminino (média 2,30), o que também foi evidenciado no estudo de Potrich (2014). Do mesmo modo, os autores Atkinson e Messy (2012) apresentaram resultados importantes ao demonstrarem que o gênero interfere no comportamento financeiro dos indivíduos, apresentando os homens comportamentos financeiros significativamente melhores que as mulheres.

Em relação à atitude financeira, observou-se que as variáveis Renda, Ocupação e Escolaridade são estatisticamente significativas em nível de 10% de confiança. Ao analisar a variável renda, constatou-se que os indivíduos que percebem renda de até 2 salários mínimos (média 3,07) demonstraram ter melhores atitudes financeiras que aqueles que ganham acima de dois salários mínimos. Esse resultado não é condizente com os estudos de Potrich (2014), o qual entrevistou cerca de 1.576 indivíduos em sete mesorregiões do Rio Grande do Sul. Os resultados apontaram que os indivíduos que têm renda salarial entre R\$ 2.100,01 e R\$ 3.500,00 apresentaram melhores atitudes financeiras do que entre aqueles que não têm renda. Entretanto, as análises não são condizentes, podendo ser justificada essa variância nos resultados pelo fato de que os indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG, por terem menor poder aquisitivo, estão preocupados em gastar apenas com o necessário para não acarretar acúmulo de dívidas. Já o público-alvo da pesquisa de Potrich (2014) é mais amplo e a renda per capita do Rio Grande do Sul é cerca de 20% a mais do que a do Estado de Minas Gerais, segundo dados do IBGE (2010), demonstrando que a média salarial dos indivíduos de Ituiutaba-MG é um pouco menor.

No que tange à variável ocupação, notou-se que os entrevistados apresentam uma boa atitude financeira se levadas em conta as seguintes variáveis: aposentados (média 3,18), não trabalha (3,14), empresário (média 3,01) e autônomos (média 3,12). Em contrapartida, no que tange às variáveis profissional liberal (média 2,95), empregado assalariado (média 2,94) e funcionário público (média 2,94), ficou demonstrado serem essas categorias detentoras de níveis de atitude financeira regulares. Esse resultado não é condizente com aqueles encontrados por Potrich (2014), o qual encontrou que os autônomos, empregado assalariado e os funcionários públicos se apresentaram com os melhores níveis de atitude financeira e os aposentados apresentaram os piores níveis de atitude financeira.

Neste estudo, a variável aposentados apresentou o melhor grau de atitude financeira, o que pode estar relacionado à renda, visto que muitos aposentados precisam trabalhar para ganharem uma renda extra para complementar a renda familiar. Segundo o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em 2016, 42,3% dos aposentados ainda trabalham no Brasil, sendo a principal justificativa entre os aposentados é que ainda trabalham para complementar a renda e, ainda, para 46,9% dos aposentados, a aposentadoria não é o suficiente para pagar as contas e despesas pessoais. Já 23,2% dizem que continuam no mercado para manter a mente ocupada, 18,7% trabalham

para se sentirem mais produtivos e os outros 9,1% dizem que precisam ajudar os familiares. No entanto, a variável não trabalho pode estar relacionada com a escolaridade dos respondentes, pois muitos entrevistados apenas estudam. Segundo Atkinson e Messy (2012), os indivíduos que têm melhores graus de instrução podem obter melhores índices de atitude financeira.

Ao averiguar a escolaridade dos indivíduos, os que têm nível superior (média 3,47) apresentaram melhores atitudes financeiras do que os entrevistados que cursaram apenas o ensino fundamental (média 3,00), o ensino médio (média 3,10) ou o ensino técnico (3,33). Essa variável demonstrou que existe uma tendência linear ( $F = 4,632$ ;  $Sig = 0,0321$ ), visto que, quanto maior o nível de escolaridade, melhores atitudes financeiras os indivíduos vão ter. Isso é condizente com o estudo de Potrich (2014), o qual constatou que o nível de escolaridade influencia na atitude financeira dos indivíduos, revelando ainda que os que cursaram Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado apresentaram resultados melhores do que os que cursaram o ensino fundamental e médio. Atkinson e Messy (2012) apresentaram resultados significativos em seus estudos em relação a essa variável, demonstrando que os níveis de atitude financeira são melhores entre aqueles indivíduos melhor educados financeiramente.

Em suma, foi possível notar que as famílias de baixa renda de Ituiutaba-MG demonstraram diferenças estatisticamente significativas nas *proxies* comportamento e atitude financeira no nível 10% de confiança. Ao analisar a *proxy* comportamento financeiro, foram observadas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Gênero, Idade e Escolaridade, podendo-se constatar que a escolaridade têm influência no nível de comportamento financeiro dos indivíduos, visto que, quanto mais os indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG se escolarizarem, melhores serão os níveis de comportamento financeiro. Em relação à variável idade, averiguou-se que os entrevistados que têm entre 18 e 30 anos são mais propensos a apresentarem melhores graus de comportamento financeiro. Já em relação à variável gênero, o sexo masculino apresenta melhores índices de comportamento financeiro. Contudo, ao avaliar a *proxy* da atitude financeira, foram notadas diferenças estatísticas significativas no nível de 10% de confiança, bem como, ao averiguar a *proxy* atitude financeira, foram observadas diferenças significativas nas variáveis Renda, Ocupação e Escolaridade. Ao analisar a renda das famílias de Ituiutaba-MG, foi possível perceber que as famílias que têm renda de até 2 salários mínimos apresentaram as melhores atitudes financeiras do que aquelas que ganham mais de dois salários mínimos. No que tange à variável ocupação, ficou demonstrado que os aposentados e os indivíduos que não trabalham apresentaram os melhores níveis de atitude financeira. Já em relação à variável escolaridade, percebeu-se que, quanto mais os níveis de escolaridade das famílias de baixa de Ituiutaba-MG vão aumentando, melhores serão os níveis de atitude financeira.

## 5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal avaliar o comportamento e a atitude financeira de indivíduos de baixa renda e a relação desses construtos com variáveis sociodemográficas. Para tanto, foram aplicados 353 questionários em cinco bairros de baixa renda da cidade de Ituiutaba-Mg que fazem parte do Programa “Minha Casa Minha Vida” do Governo Federal. Em um primeiro momento, foi feita uma análise do perfil dos indivíduos de baixa renda da cidade de Ituiutaba-MG. A partir dessa análise, constatou-se que o sexo feminino foi representado pelo maior número de entrevistados, com 57,8%, tendo 51,2% dos respondentes se autodeclarados casados(as)/união estável. Ainda, a maioria dos respondentes, 45,9%, têm entre 18 e 30 anos de idade e a maior parcela dos indivíduos entrevistados

trabalha (74,5%), tendo como ocupação principal empregado(a)/assalariado(a) (42,5%). Em relação à escolaridade, notou-se que a maioria, 55,5%, tem apenas o ensino médio e, quanto à renda, ficou demonstrado que 59,8% dos indivíduos percebem uma renda média de até 2 salários mínimos, bem como que uma grande parte da amostra, 92,4%, tem até 2 dependentes e 58,9% tem um grupo familiar formado por até quatro pessoas.

Em um segundo momento, foram realizadas as análises estatísticas descritivas do comportamento e atitude financeiros dos indivíduos de baixa renda da cidade de Ituiutaba-MG. De acordo com a Tabela 2, os resultados revelaram que o nível de comportamento financeiro dos indivíduos da cidade se apresentaram regulares. Portanto, alguns dos comportamentos financeiros favoráveis como, por exemplo, os indivíduos estão preocupados em gerenciar melhor o seu dinheiro, pagam suas contas sem atraso e pagam totalmente as faturas dos cartões de créditos para evitar encargos financeiros, demonstram que eles estão preocupados em ter uma gestão financeira mais eficiente para que não ocorra um descontrole no orçamento familiar.

No entanto, vale ressaltar que o comportamento financeiro dos indivíduos de baixa renda demonstrou comportamentos negativos, como, por exemplo os indivíduos têm dificuldade em poupar e fazer uma reserva financeira que possa ser utilizada em casos inesperados (Doença, Desemprego, Causa Morte, Acidente, Moradia, entre outros), além do que a maioria dos indivíduos não analisa suas finanças com profundidade antes de realizar nova compra. Percebe-se que esses comportamentos financeiros devem ser melhorados, visto que os indivíduos mais educados financeiramente conseguem ter melhores comportamentos financeiros para planejar o futuro e ficarem mais preparado caso algo inesperado aconteça.

Ao analisar a Tabela 3, percebe-se que os indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG apresentam bons níveis de atitude financeira, tendo em vista ter sido constatado que os melhores índices de atitude financeira estão relacionados com a definição de metas para o futuro e depois que os indivíduos tomam uma decisão sobre o dinheiro tendem a ficarem preocupados. Esses dados demonstram que esses indivíduos estão preocupados com o futuro. Contudo, os indivíduos de baixa renda demonstram atitudes financeiras ruins, visto que os indivíduos acham que o dinheiro foi feito para gastar e, em muitos casos, eles se dispõem a gastar dinheiro com coisas que são importantes para eles.

E, por fim, no terceiro momento da pesquisa, foi feita uma análise bivariada para entender qual a ligação das variáveis sociodemográficas com as duas *proxies* da alfabetização financeira, que são o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos de baixa renda de Ituiutaba-MG. Para tanto, foram avaliadas as sete variáveis demonstradas na Tabela 4 (Gênero, Idade, Estado civil, Renda, Escolaridade, Dependentes e Ocupação) com a finalidade de encontrar diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis e comparar com as médias de respostas dos subgrupos. Após terem sido realizadas as comparações, foram feitas regressões lineares simples para saber como as variáveis independentes (Gênero, Idade, Estado civil, Renda, Escolaridade, Dependentes e Ocupação) se comportam em relação às variáveis dependentes (Comportamento financeiro e Atitude financeira).

Quanto ao comportamento financeiro, notou-se que as variáveis Escolaridade, Idade e Gênero, obtiveram significância estatística no nível 10% de confiança. O nível de escolaridade dos indivíduos de baixa renda se posicionou significativo, visto que, quanto maior a escolaridade dos entrevistados, melhores serão seus níveis de comportamento financeiro. A idade também se posicionou significante estatisticamente, visto que os indivíduos de baixa renda, entre 18 e 30 anos, apresentaram os melhores índices de comportamento financeiro. No que tange ao gênero, o estudo revelou que o sexo masculino apresenta melhores comportamentos financeiros.

Com relação à atitude financeira, observou-se que as variáveis Renda, Ocupação e Escolaridade são estatisticamente significativas em um nível 10% de confiança. Ao avaliar a renda dos indivíduos de baixa renda, percebeu-se que os respondentes que afirmaram ganhar até 2 salários mínimos apresentaram melhores níveis de comportamento financeiro, contradizendo aos estudos de Potrich (2014), que afirmou que os indivíduos que ganham mais apresentam melhores comportamentos financeiros, podendo essa incoerência ocorrer pelo fato de que o público-alvo e a renda per capita são completamente indiferentes. Já em relação à variável ocupação, os melhores comportamentos financeiros são apresentados pelos aposentados e pelas pessoas que não trabalham. Esses resultados se apresentaram controversos aos de Potrich (2014), o qual afirmou que os aposentados são detentores dos menores níveis de atitude financeira. E, por fim, ao analisar a escolaridade dos indivíduos de baixa renda, percebeu-se que os indivíduos com mais estudos têm melhores níveis de atitude financeira.

Assim, foi possível constatar que o objetivo do trabalho de avaliar o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos de baixa renda e a relação desses construtos com variáveis sociodemográficas das famílias de baixa renda de Ituiutaba – Mg foi atingido. Isso se deve ao fato de que os resultados apontam que, em média, o comportamento financeiro desses indivíduos é regular e eles têm uma boa atitude financeira, bem como que as variáveis sociodemográficas também influenciam no comportamento e atitude financeira desses indivíduos.

Diante disso, há necessidade de implantação de políticas públicas sociais para amenizar os problemas com o comportamento financeiro dos cidadãos, visto que, ser detentor de níveis de comportamento e atitude financeira melhores, é fundamental para se terem condições de controlar os gastos familiares com vistas a uma vida financeira mais controlada. Dessa forma, para que essas famílias se tornem mais educadas financeiramente, é necessária a implantação de diversas medidas para solucionar o problema a longo prazo, como implantação de disciplina de educação financeira desde a base escolar e divulgação da importância da alfabetização financeira para a sociedade por meio de cursos e palestras.

Sendo assim, a principal contribuição para os outros estudos diz respeito a que este trabalho contribui para melhor entender as atitudes e os comportamentos financeiros dos indivíduos de baixa renda. Além disso, este trabalho se evidencia como um dos primeiros estudos a avaliar apenas um público-alvo específico, “Famílias de Baixa Renda”, sendo possível, dessa forma, melhor compreender as pessoas que vivem em condições de pobreza e como elas lidam com suas finanças pessoais. Este estudo também pode dar base para que novas pesquisas sobre alfabetização financeira sejam realizadas e aprofundadas. Ademais, o presente estudo sugere novas pesquisas que possam ser realizadas para dar continuidade à discussão sobre essa temática, como, por exemplo, buscar novos públicos-alvo para devidas comparações, além de agregar a *proxy* do conhecimento financeiro para elencar o nível de alfabetização financeira para esse público específico.

## 6. Referências

AMADEU, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento:** proposta de inserção da disciplina na matriz curricular. 2009. 89 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2009.

ATKINSON, A.; MESSY, F. (2012). Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study [Working Paper N° 15].

**OECD Working Papers on Finance**, Insurance and Private Pensions, OECD Publishing. Retrieved Apr. 05, 2013, from <http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, W. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais**. Brasília: BCB, 2013. Disponível em: <[https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno\\_cidadania\\_financeira.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Série cidadania financeira: estudos sobre educação, proteção e inclusão**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/SERIECIDFINAN>>. Acesso em 15 de out. 2018.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**, 4. Ed. Santa Catarina: UFSC, 2004.

BRASIL. Caixa Econômica Federal. **Cadastro único**. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/cadastros/cadastro-unico/Paginas/default.aspx>> Acesso em: 30 jun. 2017.

BOTTAZZI, R.; JAPPELLI, T.; PADULA, M. The portfolio effect of pension reforms: evidence from Italy. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 75-97, 2011.

CALAMATO, M. P. **Learning financial literacy in the family**. Unpublished master's thesis. The Faculty of the Department of Sociology, San José State University, 2010.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). **Um terço dos aposentados acima de 60 anos ainda trabalha**. <<http://www.cndl.org.br/noticia/um-terco-dos-aposentados-acima-de-60-anos-ainda-trabalha/>> Acesso em: 26 dez. 2018.

DELAVANDE, A.; ROHWEDDER, S.; WILLIS, R. J. Retirement Planning and the Role of Financial Literacy and Cognition. Michigan Retirement Research Center. **Working Paper**, 2008.

EBC, agência brasil. **Número de inadimplentes passou de 63 milhões em maio, aponta SPC**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-06/numero-de-inadimplentes-passou-de-63-milhoes-em-maio-aponta-spc>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ENEF. **Quem somos e o que fazemos**. Disponível em: <[http://www.vidaedinheiro.gov.br/pagina-29-quem\\_somos\\_e\\_o\\_que\\_fazemos.html](http://www.vidaedinheiro.gov.br/pagina-29-quem_somos_e_o_que_fazemos.html)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FINKE, M. S., HOWE, J. S., & HUSTON, S. J. (2011). **Old Age And the Declined in Financial Literacy**. Social Science Research Network. Retrieved 20, jun, 2017, from <http://dx.doi.org/1.2139/ssrn.1948627>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GRABLE, J. E.; JO, S. H. Student racial differences in credit card debt and financial behaviors and stress. **College Student Journal**, v. 40, n. 2, 2006.

HUNG, A. A; PARKER, A. M.; YOONG, J. **Defining and measuring financial literacy**. 2009. In: Social Science research Network. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1498674](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1498674)>. Acesso em: 25 jun. 2017.

HUSTON, Sandra J. Measuring financial literacy. **Journal of Consumer Affairs**. v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

IPEIA. **População ocupada de baixa renda é tema de estudo**. Disponível em <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=10615](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=10615)>. Acesso em: 22 ago, de 2018.

JOBIM, S. S. S.; LOSEKANN, V. L. Alfabetização financeira: mensuração do comportamento e conhecimento financeiros dos universitários da universidade da região da campanha, rio grande do sul. **Revistas Sociais e Humanas**, v. 28, n. 69, p. 125 – 139, 2015.

LUCCI, C. R.; et al. A Influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos. In: **IX Seminários em Administração**, 2006, São Paulo. IX SEMEAD FEA-USP, 2006.

LUCKE, V. A. C; FILIPIN, R.; BRIZOLLA, M. M. B.; VIEIRA, E. P. Comportamento Financeiro Pessoal: Um Comparativo Entre Jovens e Adultos de uma Cidade da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO SEMEAD, 27, 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SEMEAD, 2014. Disponível em <<http://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/330.pdf>> Acessado em 14/11/2016

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, Cambridge University Press, v. 10, n. 04, p. 509-525, 2011.

MATTA, R. C. B. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. 2007. 214 f. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciência da Informação – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MEU BOLSO FELIZ. **Comportamento do consumidor: Pesquisa detecta contradição do consumidor brasileiro, que apesar de se autodeclarar moderado na hora das compras, demonstra ter atitudes mais imediatistas**. Disponível em <<http://meubolsofeliz.com.br/pesquisas/comportamento-de-consumo/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

METE, F. M. B.; MATOS, C. A. Uma análise bibliométrica dos estudos em educação financeira no Brasil e no mundo. **Revista interdisciplinar de Marketing/UEM**, Maringá, v. 5, n.1, p. 46-63, Jan./Jun. 2015.

MUNDY, S. Financial Education Programmes in Schools: Analysis of Selected Current Programmes and Literature – **Draft recommendations for best practices**. OECD. Mimeo, 2011.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OECD. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. OECD Centre, Paris, France, 2013.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da alfabetização financeira: Análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista de Contabilidade e Finanças**, São Paulo, vol. 26, n.69, p.362-377, out./jun. 2015.

POTRICH, A. C. G. **Alfabetização Financeira: Integrando conhecimento, atitude e comportamento financeiro**. 2014. 178 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

QFINANCE. Definition of attitude. **Qfinance – The ultimate Financial Resource**, 2013. Disponível em: <<http://www.qfinance.com/dictionary/attitude>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

RESEARCH, R. M. **Survey of adult financial literacy in Australia**. Disponível em: <[http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN\\_5654\\_Adult\\_Fin\\_Lit\\_Report\\_08\\_Web\\_Report\\_full.pdf](http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654_Adult_Fin_Lit_Report_08_Web_Report_full.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

RICHARDSON, T.; ELLIOTT, P.; ROBERTS, R. The relationship between personal unsecured debt and mental and physical health: a systematic review and meta-analysis. **Clinical psychology review**, v. 33, n. 8, p. 1148–62, dez. 2013.

ROOIJ, M. C. J. V.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 4, 2011. P. 593-608

SERASA EXPERIAN. **Estudo inédito da Serasa mostra que 27% da população de baixa renda compromete mais da metade do que ganha com produtos financeiros**. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/estudo-inedito-da-serasa-mostra-que-27-da-populacao-de-baixa-renda-compromete-mais-da-metade-do-que-ganha-com-produtos-financeiros>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

SHIM, S.; BARBER, B. L.; CARD, N. A.; XIAO, J. J.; SERIDO, J. Financial socialization of first-year college students: the roles of parents, work, and education. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 39, n. 12, 2010. P. 1457-1470.

SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy**. Money management behavior and associates factors, including critical thinking. Tese, Universidade de Utah, Estados Unidos, 2002.

ZERRENNER, S. A. **Estudo Sobre as Razões Para o Endividamento da População de Baixa renda**. 2007. 45 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – USP, 2007.